

TEOLOGIA - FIDELIDADE À PALAVRA E SERVIÇO À LIBERTAÇÃO

Frei Gilberto da Silva Gorgulho

INTRODUÇÃO

A finalidade desta exposição é relembrar a missão da Teologia: compreender e articular a Revelação enquanto serviço à evangelização e à libertação. Por isso, o tema que nos foi proposto 'A teologia como exercício de fidelidade à Palavra de Deus e serviço à libertação' quer juntar-se ao agradecimento que a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção presta a Dom Paulo Evaristo Arns pelo incentivo e apoio que sempre deu à pesquisa teológica e ao serviço da libertação: "agradecemos a Deus por ter tido um Cardeal tão sensível à ciência, com o coração voltado para Deus, sentindo a pulsação dos anseios do povo e mantendo sempre acesa a chama da esperança.

O tema da fidelidade à Palavra de Deus apresenta a natureza da teologia como compreensão articulada da fé. É o dinamismo constante do intellectus fidei diante dos desafios trazidos pela ambigüidade do pluralismo cultural, diante da ambigüidade da racionalidade científica e de suas cri-

ticas, e diante da ambigüidade do poder e seu caráter de exclusão, de divisão e de dominação. A teologia é sabedoria hermenêutica que se firma e se desenvolve na compreensão da revelação e do conteúdo do fato cristão.

O serviço à libertação é crítica da ideologia que subjuga e exclui, e aponta para a praxis da justiça e da solidariedade como alvo da constituição de uma sociedade que começa a viver as exigências do Reino de Deus que vem salvar a história humana oprimida, dispersa e desintegrada.

A FIDELIDADE À PALAVRA DE DEUS

A fidelidade é a busca constante da compreensão da Revelação. A teologia mantém o olhar fixo sobre a Verdade última que Ihe foi confiada por meio da Revelação, e não se contenta nem se detém em etapas intermédias, e redutoras. O seu dinamismo próprio coloca-se no interior do intellectus fidei, e seu objeto específico é "a Verdade, o Deus Vivo e o seu desígnio de salvação revelado em



Dom Zioni, ladeado por Dom Angélico e pelo Pe. José Arnaldo, discorre sobre a formação do clero brasileiro

Jesus Cristo (cf. Congregação Da Doutrina da Fé, Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo; *Donum Veritatis* (24 de maio de 1990), 7-8: AAS 82 (1990) 1552-1553).

1 - A busca da Verdade revelada mostra que a teologia é ciência e sabedoria que se exerce no interior da própria fé, sustenta a esperança e dinamiza o amor na medida do amor compassivo de Deus (Êxodo 34,6; Lc 6,36). Diante da multiplicação, progresso e exigências das ciências humanas, e diante da fragmentação e do ceticismo filosófico, a teologia se apresenta e se exerce como sabedoria hermenêutica para a compreensão da revelação e do conteúdo da fé cristã..

2 - O exercício hermenêutico da teologia é ato aberto e direcionado à transcendência da Verdade revelada e transmitida na Tradição Viva da Igreja (cf. *Dei Verbum*, 8-10). João Paulo II o relembra, atualmente, na "*Fides et Ratio*": "A Palavra de Deus não se destina a um povo ou só a uma época. De igual modo, também os enunciados dogmáticos formulam uma verdade permanente e definitiva, ainda que, às vezes, se possa notar neles a cultura do período em que foram definidos. Surge, assim, a pergunta sobre como seja possível conciliar

o caráter absoluto e universal da verdade com o inevitável condicionamento histórico e cultural das fórmulas que a exprimem. As teses do historicismo não são defensíveis. Pelo contrário, a aplicação duma hermenêutica aberta à questão metafísica é capaz de mostrar como se passa das circunstâncias históricas e contingentes, em que maturaram os textos, à verdade por eles expressa que está para além desses condicionamentos" (cf. *Fides et Ratio*, nº 95).

3 - O ato hermenêutico aponta para o eixo da compreensão teológica, e mostra que o sujeito central da ciência articulada é Deus em Si e a relação do mundo e da história humana com ele. No arco hermenêutico que vai da exegese à pregação e à catequese, a articulação sistemática tem função especial na estruturação e na explicação do conteúdo da fé. O que se espera da hermenêutica teológica é que ela faça falar, de maneira viva e transformadora, a Palavra de Deus para o mundo de hoje, com seus desafios e com suas esperanças (cf. *Gaudium et Spes*).

João Paulo II acrescenta na *Fides et Ratio*: "O objetivo fundamental que a teologia persegue é apresentar a compreensão da Revelação e o conteúdo da fé. Assim, o verdadeiro cen-

tro de sua reflexão será a contemplação do próprio mistério de Deus Uno e Trino. E a esse chega-se refletindo sobre o mistério da encarnação do Filho de Deus sobre o fato de Ele se fazer homem e, depois, caminhar à paixão e à morte, mistério esse que desembocará na sua gloriosa ressurreição e ascensão à direita do Pai, de onde enviará o Espírito de verdade para constituir e animar a sua Igreja. Neste horizonte, a obrigação primeira da teologia é a compreensão da kenosis de Deus, mistério verdadeiramente grande para a mente humana, porque lhe parece insustentável que o sofrimento e a morte possam exprimir o amor que se dá sem pedir nada em troca. Nessa perspectiva, impõe-se como exigência fundamental e urgente uma análise atenta dos textos bíblicos primeiro, e depois os que exprimem a Tradição viva da Igreja" (cf. *Fides et Ratio*, nº 93).

O SERVIÇO À LIBERTAÇÃO

1 - A teologia, como sabedoria hermenêutica, tem por função a crítica das ideologias e a interpretação da praxis transformadora da sociedade. O serviço à libertação é ato intrínseco à interpretação teológica da fé, da esperança e do amor revelados em Jesus Cristo.

A hermenêutica da praxis libertadora deve ser criadora de novas possibilidades de existência pessoal e social. Deve provocar na vida dos cristãos e na sociedade pluralista (com suas ideologias, culturas, e religiões) as antecipações significativas da vida do Reino de Deus, prometido e selado, em Jesus Cristo: "Aquele que nos ama, e pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu um reino de sacerdotes para o seu Deus e Pai", "Aquele que era, que é, e que vem (Ap 1,5.6.8). É nesta perspectiva que se compreendem os projetos e as etapas percorridas pelas "Teologia Política"; "Teologia da Revolução" e "Teologia da Libertação".

2 - A raiz da crítica hermenêutica é a vida nova do Espírito. É preciso discernir o Espírito que convence o mundo, a idolatria que domina e subjuga, e o agir humano na sociedade que procura a vida da nova criatura (1Jo, 5; Gl 3, 28). "A vida nova no Espírito conduz os fiéis a uma liberdade e responsabilidade que ultrapassam a própria Lei". A crítica da praxis é, eminentemente, um ato ético baseado na "teologia moral que deve recorrer a uma visão filosófica correta da natureza humana e da sociedade, como dos princípios gerais da decisão ética" (João Paulo II, *Fides et Ratio*, nº 68).

3 - A visão correta da natureza humana e da sociedade vem pela crítica ideológica, pela recuperação da razão filosófica e pelo processo de libertação da cultura. A filosofia é chamada a exercer atualmente a libertação dos reducionismos do pensamento moderno e pós-moderno: "Um grande desafio que nos espera no final deste milênio, é saber realizar a passagem tão necessária como urgente, do fenômeno ao fundamento. Não é possível deter-se simplesmente na experiência; mesmo quando esta exprime e manifesta a interioridade do homem e a sua espiritualidade, é necessário que a reflexão especulativa alcance a substância espiritual e o fundamento que a sustenta. Portanto, um pensamento filosófico que rejeitasse qualquer abertura metafísica, seria radicalmente inadequado para desempenhar um papel de mediação na compreensão da Revelação" (João Paulo II, *Fides et Ratio*, nº 83).

4 - O serviço atual à libertação é ato hermenêutico que se integra na compreensão da redenção em Jesus Cristo (Gl 3,28). Teologias feministas, teologias afroamericanas e certas teologias asiáticas são importantes tipos da forma atual e contemporânea da Teologia da Libertação. E ela se aplica também aos índios americanos, aos grupos étnicos e outros grupos mino-

ritários e dominados que exprimem o mesmo anseio de libertação. É serviço para libertar da opressão, da exploração, da alienação e da discriminação. A interpretação da experiência como experiência de opressão é comum a todas as teologias da libertação.

A libertação dos pobres continua como o imperativo mais urgente, principalmente agora na fase da sociedade que se estrutura na globalização da economia, e do mercado envolvente e determinante da cultura planetária.

A teologia da libertação afroamericana mostra a discriminação de africanos e de afroamericanos na história do cristianismo.

Teólogas feministas focalizam a opressão das mulheres em sociedades patriarcalmente estruturadas e dominadoras do feminino. A sua hermenêutica é particularmente rica na interpretação dos textos bíblicos e na esperança de libertação da mulher para que se possa, de fato, viver a realidade da Nova Criatura, pois em Cristo Jesus, não há mais nem judeu e nem grego, nem escravo e nem livre, nem homem e nem mulher (Gl 3,28).

Fr. Gilberto da Silva Gorgulho, OP,
gigorg@cidadanet.org.br, São Paulo - 10/
08/1999

A FORMAÇÃO TEOLÓGICA E O MUNDO DA CULTURA

Pe. Dr. Benedito Ferraro

Para abordarmos essa temática, sobretudo a partir da experiência do ensino da teologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, é preciso retomar a gênese da Teologia da Libertação, como fruto da grande preocupação pastoral da Igreja latino-americana e caribenha. A formação teológica, nestes últimos anos, se deu a partir dessa experiência eclesial, marcada pela opção preferencial pelos pobres, consignada em Medellín (1968), ratificada em Puebla (1979) e, mesmo a contragosto, presente também em Santo Domingo (1992).

A Teologia vivida e praticada por essa Escola Teológica, sobretudo a partir de 1968, quando da reestruturação de seu currículo, pauta-se pela grande novidade eclesial da Igreja na América Latina e Caribe: a entrada (inserção) dos cristãos na luta política de libertação dos pobres-excluídos. Gustavo Gutiérrez assim define esse processo gerador de uma nova forma de teologizar, respondendo às novas

questões colocadas à fé a partir da entrada dos cristãos na luta pela libertação: "A inserção nas lutas populares pela libertação tem sido - e é - o início de um novo modo de viver, transmitir e celebrar a fé para muitos cristãos da América Latina. Provenham eles das próprias classes populares ou de outros setores sociais, em ambos os casos observa-se - embora com rupturas e por caminhos diferentes - uma consciente e clara identificação com os interesses e combates dos oprimidos do continente. Esse é o fato maior da comunidade cristã da América Latina nos últimos anos. Esse fato tem sido e continua sendo a matriz do esforço de esclarecimento teológico que levou à teologia da libertação. Com efeito, a teologia da libertação não é compreensível sem relação com essa prática"¹.

Hoje, certamente, na década dos 90, o fato maior parece ser outro: "Na atual conjuntura, o fato maior é, sem dúvida, o cruel predomínio de uma

¹ GUTIÉRREZ, G., *A força histórica dos pobres*, Petrópolis: Vozes, 1981, p. 245.